

HUMILDE APOLOGIA DE ERNESTO SABATO

POR

GUILHERME FIGUEIREDO

Amizade, fraternidade à primeira vista? Lembro-me de alguma anotação de Jules Renard, de quem nunca falei com Ernesto Sábato, mas que certamente admira tanto quanto eu: Jules Renard imaginava a existência entre certos escritores que se estimam, uma espécie de empatia familiar, que leva um e outro a de chamarem de Irmão. Minha estima por Sábato começou com a leitura de *Le tunnel*, assim, em francês. Língua que é também a sua como o castelhano é um pouco minha. Mas, curiosamente, nossa aproximação não sei bem dizer se partiu da Bossa Nova brasileira ou do Tango argentino. Ambos, por pura coincidência. Oscar Camilion, o diplomata argentino mais amigo do Brasil que conheci, reunira em seu apartamento da Avenida Atlântica um grupo de músicos brasileiros para apresentar o novo estilo de harmonia do samba carioca a alguns amigos argentinos de passagem pelo Rio. Embora eu não fosse do ramo, convidou-me. Confesso: a bossa nova me impõe uma certa introspecção amadorística e por isso preferi manter-me distante da platéia cerebralmente em sessão espírita. Um argentino também parecia mais interessado em contemplar a noite da praia de Copacabana e assim nos esbarramos. Falei ao solitário o que talvez lhe tivesse parecido simples gentileza: confessei-lhe meu amor pela sinceridade dolorida e coloquial do tango, disse-lhe que para mim a beleza do samba carioca residia noutra sinceridade, a explosão pública e unânime dos nossos sofrimentos. O tango guardava quase sempre esse mesmo segredo contado ao confessorário de uma só mulher ou um só amigo, enquanto a platéia se recolhe, compartilhando da desgraça. “Ao chegar em casa não te encontrei: li a tua carta vi teu retrato e chorei”, cantamos na rua, unânimes, em pleno carnaval; “Fué a conciencia pura que perdi tu amor ...”, confessa o tango contrito. E falamos de Discépolo, cuja mão ousei apertar na Calle Florida, adolescente repleto de entusiasmo, quando visitei meu pai exilado em Buenos Aires. Contei que me revoltava a hostilidade de certos portenhos orgulhosos a querer simplesmente abolir de todos os ouvidos a alma revoltada que há em *Cambalache* e *Yira, yira*, a solidão fria de *Sur*. Para mim o mais belo endereço de saudade é Corrientes, 348, número inexistente mas parede onde se devia eternizar uma placa: “Aqui dois amantes de todo o mundo sonham encontrar-se a media luz”.

Foi quando meu ouvinte me disse chamar-se Ernesto Sábato e me prometeu seu livro fundamental *Tango discusión y clave*. “Conheço *Le tunnel*, de que me falou Camus!”, exclamei. E, repleto de modéstia e timidez, balbuciei meu nome e me apresentei como autor de *La Zorra y las uvas*. Logo recebi de Sábato o ensaio sobre o tango. E se iniciou entre nós um intercâmbio de nossos livros, e isto me tornou uma espécie de doutor de uma obra que eu já sobrepunha à de Jorge Luiz Borges. Injustiça? Não creio mas podem acusar-me. Eu nunca teria oportunidade para chamar Borges de *hermano*. Mas desde minha infância de menino de fronteira de Uruguaiana, já trazia comigo uma constelação composta dos astros Rosita Quiroga, Julio de Caro, Francisco Canaro, Charlo, Gardel, e mais meus autores argentinos de *El hogar* e das edições dos suplementos literários de *La Prensa* e *La Nación*, mais a descoberta de Facundo e Martín Fierro. Fui em menino um importante contrabandista de livros e discos de Paso de los Libres. E um fiel acompanhante dos recitais de Berta Singerman e suas passagens estelares em Porto Alegre. Aos dezessete anos estava pronto para ser um bom exilado em Buenos Aires, um aficcionado de Pepe Arias e freqüentador do poleiro do Teatro Colón. Já tinha preparo básico para algum dia encontrar Ernesto Sábato.

Depois de nossa conversa na varanda de Camilion só nos vimos em Paris. Deu-me a alegria de vir ao nosso apartamento, onde nossa conversa foi totalmente diferente. Nada de tangos, de bossa nova, de literatura. Apenas temores pelos riscos que corriam nossos dois países, ambos a caminho de ditaduras militares. Minha atividade de adido cultural repousava na crença de uma necessária divulgação do Brasil, um Brasil caricaturado desde o “petit Brésilien” de Offenbach ao Brasil anti-democrático e genocida de índios. Valiam-me, no meu caso, minhas relações com artistas e escritores franceses; no caso de Sábato, o duplo prestígio de homem de ciência e de literatura. Não nos iludimos: era um encontro triste. O mais velho de meus irmãos militares já quase não tinha diálogo comigo; fui para Paris com planos de divulgação, o que esperei também poder fazer na Polônia e na Tcheco-Eslováquia onde meu nome de autor também era estimado. Puro engano. Enquanto isto, Sábato explicava suas esperanças aos amigos franceses. Não cheguei a presenciar a explosão estudantil de maio de 1968. Ao voltar encontrei um Brasil a destruir e repelir seus melhores valores culturais. Nada a fazer? Uma única vez voltei a Buenos Aires, não vi meus amigos, não encontrei Sábato, vi uma cidade de luto, perdi as pessoas que eu tratava de “Vos”. Onde andaria o poeta Francisco Urondo? Onde a gente do Candilejas, do Edelweis? Buenos Aires era uma cidade cinzenta, silenciosa. Apresentaram-me ao general Viola, possível futuro presidente da República Argentina e que se mostrava inclinado à redemocratização do país.

Meu irmão foi eleito presidente da República. Voltamos a nos falar. Eu acreditava que pelo menos nos levaria à anistia e às eleições. Quando visitou a Argentina, pediu-me que me incluísse em sua comitiva. Esperava aproximá-lo de meus amigos argentinos para um diálogo que o esclarecesse quanto à

verdade da situação na Argentina. Meu irmão também tinha tido uma infância de fronteira, uma juventude de militar em comandos próximos das guarnições argentinas. Tentei convocar amigos, convidando-os para a recepção oficial da Embaixada do Brasil. Alguns compareceram mas o ato era mais mundano do que político. De Ernesto Sábato recebi uma lição de dignidade. Em sua carta, dizia-me: não por meu irmão, que lhe parecia munido de boas intenções, mas pelos militares argentinos à frente do país, não aceitaria o convite. Que eu o compreendesse. E o desculpasse. Como se me tivesse de me pedir desculpas! Eu, sim, devia apresentar minhas desculpas, e o fiz com a maior humildade. Depois do que soube, em Buenos Aires, da “guerra suja”, o meu convite era pelo menos um gesto leviano. Sábato guardou intacta minha amizade. De volta ao Rio, rompi com meu irmão. Quando de sua ascensão à presidência, já tinha anunciado que não apresentaria qualquer peça de teatro, não escreveria em jornais, não publicaria qualquer livro durante o seu mandato. Permaneci no cargo de reitor da universidade que fundei, eleito antes da presidência de meu irmão. Em minha casa recebi a condecoração da Ordem de San Martin, que eu não merecia, nada havia feito para recebê-la.

Perdoem-me se sou longo e escrevo sobre mim mesmo; obrigo-me a estas explicações justamente para bem situar minha fraternidade com Ernesto Sábato.

Camilion, sempre em busca de uma consolidação da amizade argentino-brasileira, inventou uma reunião de debates em Buenos Aires, da qual participariam personalidades dispostas a um esforço capaz de evitar o endurecimento da duas ditaduras. Foi gentil bastante para incluir-me ao lado de nomes como os diplomatas Mário Gibson Barboza, então nosso embaixador na Inglaterra, Manuel Pio Corrêa, Walther Moreira Salles, José Guilherme Merquior. Do lado argentino, Sábato foi convidado. Novamente veio-me sua palavra: não tomaria parte em qualquer projeto que incluísse membros do governo argentino. O simpósio tornou-se uma conversa de sala de visitas, repleta de bons propósitos e de impossibilidade de qualquer ação positiva. Já então a obra de Ernesto Sábato e a firmeza de suas convicções me deram o seu retrato fiel, acabado, o que mais prezo de sua amizade e guardo com impecável orgulho.

Somos da mesma geração. Sábato é quatro anos mais velho. Andamos aos tropeços em nossas ansiedades. Nossa juventude foi marcada por um fenômeno curioso, o enfeitamento pelo comunismo, não porque tenhamos lido o *Capital* mas porque folheamos o *Manifesto* e Plekhanov No Brasil a formação universitária filosófica era (e é) nula ou quase nula; atraía-nos a figura de Luiz Carlos Prestes, ex-comandado e com o mesmo destino de exílios, prisões, condenações de meu pai, embora meu pai se fixasse num antitotalitarismo e anti-getulismo sumário, e Prestes avançasse até o que nos parecia uma transação com o inimigo. O pacto Ribbentrop-Molotov complicou mais as convicções: Stalin ainda não possuía o noticiário que o rivalizava com Hitler. Mas Prestes, companheiro de prisão de meu pai na Casa de Correção, era apenas com ele um

dialogador e assim continuou quando eleitos ambos à Constituinte, ele como senador e meu pai como deputado. A ditadura de Vargas me impôs a única profissão possível: o jornalismo, que me levou à publicidade comercial e a seu lado um sonho, o de ser escritor. Em advocacia, nem pensar! quem entregaria alguma causa ao filho dum condenado pelo Tribunal de Segurança? O escritor se transformou em professor de História do Teatro; Sábato também abandonou a ciência para se entregar à literatura, em 1943, no mesmo ano em que me fiz crítico literário, repórter, colaborador de jornal. *El túnel* e *Sobre héroes y tumbas* me deram a dimensão de Sábato, a dimensão que eu gostaria de ter e buscava numa lição que me faltou desde que perdi outro irmão, Mário de Andrade. Foi em *Alejandro*, em *Apologías y rechazos* que consolidei minha aversão ao poder militarista, manifestada desde então em críticas literárias, peças teatrais e numa utopia anti-capitalista e anti-militarista, *Viagem a Altemburgo*. Um congresso de professores de francês, a realizar-se no Rio de Janeiro, preparou-me mais um encontro-desencontro com Sábato, que se escusou de não comparecer. Mandou-me, porém, a conferência que ali pronunciaria, *Des grammariens et des traducteurs*, onde começa por acolher generosamente minha tradução de *Tartuffe*. A conferência parece, totalmente, uma lição que eu lhe tivesse pedido. E não conheço mais bela aula da arte de escrever que a de Sábato em suas conversas com Carlos Catania, página que qualquer professor de literatura devia estudar para ensinar literatura e aprender a fazê-la.

De longe, trocamos-nos livros e bilhetes, soubemos manter essa fraternidade, maior ainda quando Sábato se tornou presidente do tribunal julgador dos crimes militares. Desde esse tempo renovadamente sugeri seu nome para lhe ser conferido o Prêmio Nobel de Literatura ou da Paz. A Espanha democrática lhe fez mas justiça, conferindo o Prêmio Miguel de Cervantes a esse Don Quixote.

Minha trôpega trajetória literária possui coincidências com a retilínea trajetória de Sábato. Elas me assustam. Com ele tive meu primeiro deslumbramento na matemática: Sábato ao extasiar-se diante de um teorema de geometria; eu, quando fui arrancado das quatro operações das coisas sólidas, palpáveis, visíveis, e conduzido em êxtase ao mistério da abstração, à soma de letras, então início da aritmética teórica; e me encantei com a dedução de que a série dos números primos é infinita. Sábato filiou-se ao Partido Comunista e o deixou após os Processos de Moscou; comigo não apenas os Processos me afastaram do comunismo mas a alegria de encontrar o riso boêmio da vida civil após a disciplina do ensino militar. Na Faculdade de Direito, compensei a falta de conhecimento filosófico dos egressos dos cursos de segundo grau por uma atabalhoada leitura dos perturbadores autores rebeldes espanhóis, franceses, ingleses, os que se podem chamar de “os clássicos da rebeldia”. Eles me prepararam para alguma coisa parecida com o surrealismo, o que só consegui penetrar com a orientação, mais estética do que política, de Mário de Andrade. A ele devo meus primeiros passos em Breton, a descoberta da pintura cubista, a música pós-romântica. E ao que chamou de “literatura comprometida”. E o

cultivo de uma linguagem que não seja, para usar a expressão de Sábato, “nem o purismo nem o servilismo”. A leitura mais de Vico e Vossler do que de Saussure. A desconfiância do estruturalismo científico ao tratar de criação artística. A necessidade de se remover o ensino, das mãos e cérebros dos tecnocratas, e entregá-lo ao sacerdócio encantatório dos poetas da educação. E o ofício do escritor: “ganhar a vida sem prostituir sua literatura”. A magia profética e pré-sociológica dos poetas. Como Sábato me acredito pertencer a “uma raça em vias de extinção”. Como ele, “creio nos cafés, creio no diálogo, creio na arte, creio na dignidade da pessoa humana, creio na liberdade. E pergunto, em meus desânimos; “Quem ainda crê nestas pilhérias?” E me reencontro quando leio seu diálogo com Catania: “Quantos somos em crer em tais coisas? Ao diálogo substitui-se o insulto. A liberdade se substitui aos sequestros e às prisões políticas, de um e de outro lado. Que diferença há entre uma ditadura policial de direita ou de esquerda? Existirão acaso torturas condenáveis e torturas benéficas? Sou retrógrado, não? Também creio na democracia cinzenta e medíocre, a única a permitir definitivamente pensar livremente e preparar uma sociedade melhor”. Aqui meu pessimismo ultrapassa a esperança de meu amigo: sempre que escrevo me pergunto em que muro serei fuzilado. E pergunto a Deus, que aparece e desaparece em minha vida, nos momentos de miséria e vaidade, se estará presente na minha morte e me conduzirá à Eternidade a que Ele pertence, e a mim, que, como Sua criatura, também devo ser eterno E me pergunto se morrerei devendo um galo a Asclépio. Esta indagação cotidiana e implacável me levou à sedução de dramatizar no palco os diálogos de Platão. A peça chamou-se primeiramente *O galo de Asclépio* e passou a ser *Sócrates* ou *A corrupção da juventude*, nome dado por minha amiga a escritora brasileiro-argentina Lygia de Ras. Aceitei-o porque me indago também se feitas as contas, mereceria ser condenado a viver à custa do Estado, como propõe ironicamente Sócrates aos seus juízes; ou condenado a beber cicuta, por ter corrompido os jovens com o veneno de meu ensino. Pois não é que subitamente encontro o desejo de Sábato, de ter escrito uma peça, *A apologia de Sócrates*, extraída dos diálogos platônicos? Coincidência? Fraterna coincidência? Ernesto Sábato teria escrito o grande drama da vida e morte exemplares, o do filósofo a ensinar a busca de suas contradições, a vida de pés descalços nas pegadas do tempo, a morte no último instante do tempo. Ah, meu irmão, que grande assunto eu não soube levar ao teatro de meus pobres fantasmas, que grande obra Ernesto Sábato teria ergido no Odeon de seus fantasmas. Faz bem à alma, se existe, saber que encontrou o seu fraterno Daimonion. Foi o que procurei tagarelar na última vez que conversamos num café de Buenos Aires. E o disse com o meu mais agradecido sentimento de remorso e inveja.

